

Ficção e realidade em blog de personagem: O caso da minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?*

Issaaf Santos Karhawi ¹

Resumo: Há alguns anos, os blogs de personagem têm sido usados como extensões narrativas de ficções televisivas, especialmente pela TV Globo. Neste artigo, problematizamos a relação entre o real e o ficcional a partir do blog do personagem André Newmann da minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* (Globo, 2010). Observa-se que os telespectadores (e internautas) compactuam com a narrativa construída no blog, ou seja, assinam um acordo ficcional, colocando-os no patamar daquilo que nomeamos de “internauta-modelo”.

Palavras-chave: real, ficcional; blog de personagem; minissérie; internauta-modelo

Abstract: Character weblogs have been used by TV Globo as extensions of television fiction narratives. In this article, we problematize the relation between fiction and reality based on Andre Newmann’s weblog, who was the main character of the miniseries *Afinal, o que querem as mulheres?* (Globo, 2010). It can be marked that television viewers tacitly accept the narrative constructed on the weblog.

Keywords: reality; fiction; character weblog; miniseries; model-internet user.

Introdução

Desde 2006, os blogs de personagem têm sido parte de uma estratégia transmidiática da TV Globo que consiste em expandir as narrativas televisivas levando-as a diversas plataformas. Além disso, os blogs de personagens são capazes de reunir telespectadores, fisicamente dispersos pelo território nacional, em espaços virtuais de troca que alimentam, de alguma maneira, a narrativa televisiva.

Em nossa dissertação, dedicamo-nos a pesquisar o blog de André Newmann, protagonista da minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?*. A trama foi exibida pela TV Globo entre 11 de novembro e 16 de dezembro de 2010 (seis capítulos semanais). A ideia original é do diretor Luiz Fernando Carvalho, escrita por João Paulo Cuenca com coautoria de Michel Melamed e Cecília

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e mestre pela mesma instituição. Email: issaaf@gmail.com.

Giannetti. A minissérie narra a história do psicanalista André Newmann (interpretado por Michel Melamed) que está finalizando sua tese de doutorado em psicologia na qual tenta responder à pergunta deixada por Freud: “o que querem as mulheres?”.

Na Internet, André Newmann tinha um blog no qual compartilhava com os internautas seus conflitos existenciais, especialmente ligados a relacionamentos amorosos, amadurecimento profissional e emocional. Entre as diversas particularidades do blog de André Newmann, duas representavam práticas pouco usuais entre os blogs de personagens desenvolvidos pela TV Globo: a primeira se referia ao fato de o espaço ser mantido pelo próprio ator e roteirista Michel Melamed e a segunda pela disponibilidade de espaço para comentários.

Essas peculiaridades do blog do personagem André foram mote para as discussões apresentadas neste artigo. Tentamos, portanto, desvelar a relação estabelecida entre personagem-ator e telespectadores-internautas no espaço discursivo do blog de personagem. E, ainda, compreender a dicotômica relação entre o real e o ficcional para além da televisão, na Internet.

Ficção X Realidade

Em 1927, o romancista e crítico literário Forster cunhou o termo *Homo fictus* com a intenção de referir-se àqueles seres da ficção tão diferentes de nós e regidos por leis próprias do romance. Na ânsia de responder à pergunta: “Então, em que sentido se distinguem os filhos da ficção daqueles que nascem sobre a terra?” (FORSTER, 2005: 76), o autor apresentou o primo do Homo Sapiens, o Homo Fictus. O homem ficcional “[...] nasce de repente, é capaz de morrer aos poucos, não precisa de muito alimento nem de sono, e se ocupa incansavelmente de relacionamentos” (FORSTER, 2005, p. 80). E, talvez o mais importante, é o fato de o conhecermos melhor que nosso amigo mais íntimo:

Na vida diária, nunca nos entendemos uns aos outros, não existe nem a completa clarividência nem o completo confessionalismo. [...] Mas as pessoas de um romance podem ser completamente compreendidas pelo leitor, se assim o desejar o romancista; sua vida interior pode ficar tão exposta quanto a exterior. E é por isso que elas frequentemente parecem mais bem delineadas do que os personagens

da história, ou mesmo do que nossos amigos; tudo o que pode ser dito a respeito dessas pessoas nos foi dito (FORSTER, 2005, p. 72).

Os personagens ficcionais nos são apresentados em sua completude: conhecemos de imediato sua história de vida, entrevemos cenas de seu futuro, seu caráter nos é oferecido de prontidão e convivemos com eles (no caso da telenovela) diariamente. Mas não são apenas essas características que nos fazem tê-los como seres “reais”. Pallottini (1989) ao expor as teorias aristotélicas sobre a construção de um personagem de ficção, lista que um caractere deve ser: bom, conveniente, coerente, necessário e semelhante.

Um personagem bom não é sinônimo de um caractere gentil, virtuoso, bondoso como a mocinha ou o príncipe encantado. Um *bom* personagem é aquele solidamente arquitetado, coerente em suas ações e propósitos, simplificadamente: bem construído. Ser *conveniente*, por sua vez, é executar ações com causa e consequência claras, condizentes, o que também se refere ao caractere *coerente*. Outro aspecto, o do personagem como *necessário*, Pallottini resume em uma sentença: “É necessário aquilo que vem, logicamente, como resultado do que foi proposto” (1989, p. 20). Basicamente, a construção de um bom personagem é resultado de uma boa narrativa, que seja coerente em si.

O último ponto da *semelhança*, ou verossimilhança, é o que mais diretamente dialoga com as ficções televisivas. Quando a autora diz que “ser verossimilhante não é ser realista, naturalista, cópia do real, como não o é, de resto, a arte” (PALLOTTINI, 1989, p. 18), a passagem consiste em apontar que a semelhança ficcional não está relacionada à nossa realidade, mas àquela construída no texto. O criador do personagem baseia-se em uma verdade determinada, mas cria seus próprios personagens. O que confere ao leitor a “ilusão” de verossimilhança é a consistência interna do texto e, assim, a coerência de um personagem nos dá a sensação de que ele é real, afinal, como não poderia ser real um ser com objetivos, atitudes coerentes e planos de vida?

Portanto, há nos blogs de personagens a criação de “mundos imaginários”, uma relação questionável entre a ficção e a realidade. Para que esses mundos sejam criados, Pallottini defende que o autor deve buscar um ponto de equilíbrio entre o teatro (ou, aqui, ficção televisiva) e a realidade:

O espectador sabe que, ao ir ao teatro, não poderá lá encontrar a pura verdade, o natural total; sabe, desde sempre, que vai ao teatro para encontrar uma ilusão, um fingimento, um faz-de-conta. Mas precisa de pontos de contato com o real, que lhe deem apoio necessário, os elementos de ligação com o mundo em que vive, e que é o seu mundo conhecido (PALLOTTINI, 1989, p. 21).

É essa ligação com o mundo real que a televisão brasileira tem usado a fim de seduzir a audiência. Os personagens não são apenas bons e convincentes na trama televisiva, mas também na Internet. Os personagens passam a existir em diferentes plataformas, e podemos até arriscar dizer que criam vida.

Essa tentativa de dar ao telespectador pontos de ligação com a realidade do personagem e sua história se intensificou com as novas tecnologias e a possibilidade de expansão da narrativa por diferentes mídias. Em seus blogs, os personagens de ficção podem relatar sobre o que sentiram em determinado momento (em algum capítulo), tecer comentários sobre outros personagens, dividir dúvidas da trama/da sua própria vida com os telespectadores, enfim, criar voz e vida.

Pensemos, ainda, que a mídia costuma colocar em xeque a relação que o telespectador tem com os personagens de ficções televisivas. Nos casos das telenovelas, os vilões são xingados na rua, atores chamados pelo nome de seus personagens, mocinhas são admiradas. O que esclarecemos à luz das teorias de Bakhtin (2010) é o fato de a ficção não ser impedimento para a construção de enunciados que são reais e concretos. Vejamos que, nos estudos de Brait e Melo (2010), apoiadas nas teorias do autor russo, o enunciado concreto deve ser visto “como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado” (BRAIT; MELO, 2010, p. 63). São as “situações enunciativas” que definem o enunciado. Nesse sentido, o contexto e o extralinguístico são partes essenciais para o entendimento do enunciado. Bakhtin assegura que estamos todos nós, falantes, inseridos em um gênero discursivo mesmo que dele não tenhamos notícia ou conhecimento algum. Assim, a relação entre o telespectador e os personagens da ficção também é definida por um gênero. E inserir-se em um gênero não é apenas enunciar sob suas normas (de forma escrita ou oral), mas inscrever-se em seu contexto maior.

O que devemos inferir dessas colocações é que a relação analisada daqui por diante no blog de André é uma relação real, concreta, uma relação que – apesar de ficcional – existe no campo discursivo. É como se, fazendo uso das palavras de Bakhtin (2010, p.6), pensássemos que “as personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo” virtual.

Logo, é legítimo analisar os comentários no blog de André Newmann como parte de um “jogo ficcional” desenhado por essa cadeia de alimentação da narrativa: televisão – espectadores – Internet – internautas. Em entrevista concedida a autora², Michel Melamed ao ser questionado sobre essa relação real x ficcional no espaço do blog comentou:

O que achei interessante é que as pessoas toparam brincar ou sendo mais preciso: atuar. Era um jogo, onde os frequentadores do blog alternavam o interesse pelos textos, com a brincadeira de dialogar com o André...Creio talvez que esta seja uma das conquistas interessantes do trabalho: propor ao telespectador um espaço de representação através do diálogo com o personagem. Ou mais ainda: o diálogo entre o personagem-autor-ator e o telespectador-internauta-personagem? Porém sempre conscientemente, de maneira lúdica e sofisticada mesmo, porque creio claro que as pessoas sabiam tratar-se de uma obra de ficção e mesmo muitas delas sabiam que era eu quem escrevia ali...

Ao tratar da conversa entre o *personagem-autor-ator* e o *telespectador-internauta-personagem*, Melamed reveste a audiência de conhecimento, ou seja, de uma aceitação daquela narrativa não apenas lida ou assistida, mas vivida. Para a Análise do Discurso, essa discussão sobre o real e o ficcional pode ser amparada pelos conceitos de *lugar de fala*. Para pensar e analisar o discurso é preciso sair do plano empírico e construir, metodologicamente, o plano discurso. Isso significa dizer que

[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição (ORLANDI, 2012, p. 40).

² O ator Michel Melamed respondeu a oito perguntas enviadas pela autora por email em 03/03/2013.

Assim, a ciência de que aquele espaço é ficcional, escrito pelo ator da minissérie não desqualifica a interação discursiva que se dá nesse locus. A realidade está na concretude do diálogo e na construção dos discursos. O processo discursivo no blog, portanto, é bastante claro: os telespectadores-internautas *conversam* com o personagem André Newmann a partir do lugar de fala que ele assume no blog. O personagem André preserva seu papel de blogueiro, doutorando e psicanalista enquanto os telespectadores-internautas escolhem os papéis ou posições no discurso que desejam assumir.

Acordo ficcional no blog: internautas-modelo

No blog de André houve diferentes tipos de interação com o personagem que puderam ser observadas nos comentários. A forma mais recorrente sinaliza uma aceitação daquele espaço discursivo como real, concreto. Ou seja, os internautas-telespectadores estavam no blog para fazer parte da narrativa da minissérie, entrar nesse universo ficcional, o que implicava conversar diretamente com o personagem. Por outro viés, de forma bem menos recorrente, alguns internautas lidavam com certa dualidade frente a esse processo: por vezes dialogavam com o ator Michel Melamed, deixando em segundo plano a presença do personagem André e em outros pareciam desconhecer as características ficcionais do blog.

Para iniciarmos nossa análise, recaímos sobre o primeiro tipo de interação mais comum no blog: a conversa direta entre espectadores e personagem.

Para Eco (1994, p. 81), “a norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional [...]. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras”. Assim, não há “faz de conta” ou mentiras quando o internauta dialoga com André, mas um pacto: é como se os interlocutores do blog declarassem que fazem parte, assim como André (ou Michel) de um mundo ficcional construído em conjunto, em diálogo. Desse modo, o acordo ficcional (ao lado da suspensão da

descrença), necessário para que o telespectador acompanhe uma ficção televisiva, também é primordial na ficção virtual.

Ao longo dos 51 *posts* de André, vemos interlocutores (a maioria mulheres) dispostos a responder com o psicanalista a pergunta de sua tese de doutorado, em outros momentos, apoiá-lo em situações amorosas difíceis. Na conversa entre personagem e espectadores há franqueza: chamam-no pelo nome, comenta-se o que se sabe de sua vida, lê-se com atenção suas angústias e dúvidas publicadas naquele espaço virtual. Observou-se, ao longo da pesquisa, que a maioria dos comentários selecionados são norteados por essa relação genuína entre o personagem e seus interlocutores. Para ilustrar nossa afirmação inicial, alguns comentários considerados mais significativos foram selecionados e aqui transcritos literalmente, da forma em que foram publicados no blog por seus autores. A fim de preservar a identidade dos usuários, apenas o número dos comentários será apresentado nas análises³.

Comentário 15 (Post 6): [...] André estou confiante no seu trabalho! Essa bagunça toda, de rostos e histórias, é o rumo certo para entender o nós mulheres queremos. Pode ser que você não esteja conseguindo ordenar tudo porque, tenho que afirmar que parecemos confusas mas só parecemos. A resposta que você procura pode ser mais simples do que você espera.

Comentário 3 (Post 7): Blogueiro deprimido? Não pode! Assim não vai descobrir o que queremos!!!! Vamos lá, Andre, reaja!!!!

Comentário 42 (Post 26): André, saiba aproveitar a solteirice. E mais... boa sorte com a Lívia. =)

Comentário 15 (Post 26): André, a Lívia te ama. E eu preciso dos meus sonhos de volta. Faz tempo que não tenho um sonho bom. Desde que vocês brigaram eu acordo no meio da noite, abro a cortina, olho pro céu. Interrogo as paredes, o silêncio e a rua vazia. Depois me aquieto debaixo dos lençóis numa tentativa frustrada de fazer com que minhas proteínas sejam sintetizadas. E tento sonhar. Mas sonhar com o quê. Acorda André. Quero os meus sonhos de volta. Quero voltar a acreditar. Não sei em quê. Quero acreditar em alguma coisa. Eu acredito em vocês.

³ Coleta de dados feita em 27 e 28/03/2011. O blog de André Newmann não está mais no rede.

Comentário 13 (Post 40): [...] Agora ti pergunto, e a Livia não sentes mais falta dela? me diga, de todas alguma foi melhor que a Livia? ... Estou confuso.. o que relmente você quer?... Mulheres, poodemoss ter todas, mais é só uma q amamos! Corraa atrás da mulher da sua vida... as outras?? Deixe-as.

Comentário 14 (Post 43): Dr, está sentindo-se confuso, triste etc?
É simplesmente querido pq você esqueceu do ser mais importante da sua vida, mas não é a Livia não, é você mesmo. Você perdeu a sua escência no meio da busca da resposta que jamais será totalmente esclarecida.
Uma dica vá encontrar-se e só assim busque alguém, talvez até a Livia pode voltar para você.
Estou amando essa série. Perdoe-me, o psicólogo aqui é você não eu.Hahahahaha

Comentário 51 (Post 49): Dr. Newmann, preciso marcar uma consulta com você. Dizem, por aí, que estou com mania de perseguição.

Esses comentários seriam a materialização da teoria de Eco (1994) sobre o acordo ficcional: quando os internautas acolhem André em sua dor por conta da separação de Livia, ou quando pedem que ele se recomponha emocionalmente, não há confusão. Mesmo a ciência de que o autor dos *posts* é Michel Melamed (o próprio ator) não diminui a interação *com* o personagem e não com um ser da realidade.

O que essa postura dos interlocutores sinaliza é uma nova relação não apenas com os personagens televisivos, mas com a narrativa ficcional. Nas palavras de Tondato (2011, p. 15), “o blog como elemento de aproximação da realidade mudou a cognição que as pessoas tinham da narrativa contada”. Parafraçando a autora: no blog, André era real. Na minissérie, ele era um personagem, mas no blog era uma realidade com a qual as pessoas interagem⁴.

Em outros comentários observamos a certeza do internauta de que está dialogando com o ator da minissérie, mas que aquele espaço é, sobretudo, dedicado à interação com o personagem. Parece haver, por vezes, um tipo de “confusão intencional” na qual os internautas se colocam no limite entre o que é ficção e o que é realidade, como nos comentários a seguir:

⁴ “No blog, Luciana era real. Na telenovela, ela era uma personagem, mas no blog era uma realidade com a qual as pessoas interagem” (TONDATO, 2011, p. 15).

Comentário 13 (Post 18): [...] aah, mto boa escolha o ator Michel Melamed, ou melhor, vs mesmo ;ss me confundi kk'

Comentário 15 (Post 17): [...] Muito BOM!!!! Será que serei mais fã do André do que sou do Michel?????KK

Comentário 4 (Post 40): [...] E a confusão aqui pra mim, é saber se as experiências são de André ou de Michel. Se estou apaixonada por André, por Michel ou por Bentinho. se quem posta a mensagem é o André, ou o Michel ou alguém que quebra esse galho pra um deles. [...]

Comentário 8 (Post 50): André, o que será a partir de hoje das minhas quintas feiras sem a tua poesia e a do Michel? – sempre entrelaçados, como as palavras criadas, como ligar o nome à pessoa.

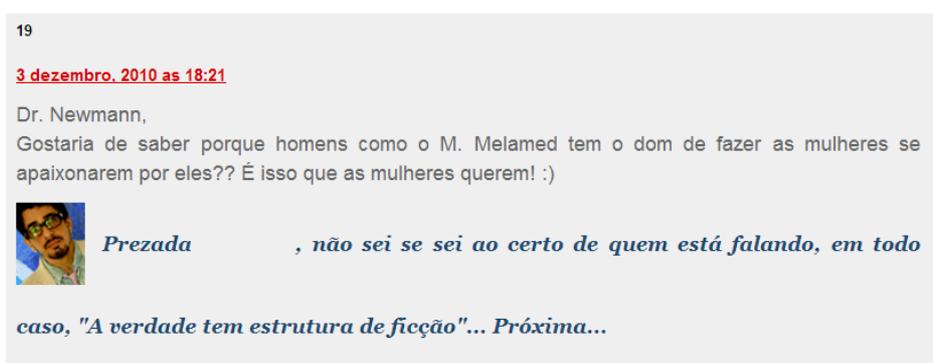
Comentário 5 (Post 39): André... André... Ou Michel? Não, melhor André... As mulheres que andam aparecendo em sua vida, andam lhe tirando a sanidade... Você na verdade, anda querendo ocupar um espaço vazio... Tantas silhuetas, nenhuma é como a DELA, logo como a dela... [...]

Esse movimento – entre ficção e realidade - só é possível em virtude do conhecimento desses limites. Só se enxerga a ficção e a realidade quando se assina um acordo ficcional: sabe-se que o que se lê não é real, mas também se compreende que não são mentiras. Arriscaríamos dizer que conhecer o personagem nessas circunstâncias permite considerável clareza ao espectador de todo o processo ficcional. Clareza que leva até à ludicidade em que é permitido brincar com os papéis tidos como tão rígidos de personagem, ator e espectador. Quando a internauta comenta, por exemplo, “Muito BOM!!!! Será que serei mais fã do André do que sou do Michel?”, nota-se completa clareza em relação ao jogo entre real e ficcional. Os dois sujeitos, ator e personagem, são colocados lado a lado, mas mesmo assim, ocupando espaços diferentes: o ator já é conhecido pela internauta, mas André - o personagem recém chegado à televisão - começa a ser adorado nesse momento.

Nos primeiros posts do blog de André, era bastante comum a resposta do personagem para os comentários dos internautas. A prática foi recebida com entusiasmo pela TV Globo como pode ser visto na notícia publicada pela Globo.com sobre a estreia do blog:

No diário, psicólogo vai interagir com internautas que enviarem comentários [...] A página é um veículo de comunicação entre Newmann e o telespectador. Além de interagir com o próprio personagem, que responderá comentários dos internautas, você poderá acompanhar a quantas anda sua tese de doutorado em psicologia, que tem o desafio nada humilde de tentar desvendar os verdadeiros desejos das mulheres⁵

Ao longo do blog a resposta do personagem aos comentários foi se tornando menos usual, mas ainda presente como no caso a seguir que ilustra bem essa “brincadeira” com os limites do real e do ficcional.



A postura do ator é de se colocar como personagem e sustentar esse diálogo com seus interlocutores. A resposta de Michel Melamed demonstra a sólida construção do personagem que ultrapassa as barreiras da ficção televisiva. Para Bakhtin “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN, 2010, p. 137). O que o blogueiro faz, nesse sentido, é estabelecer como *contexto correspondente* o blog do personagem, não sendo “permitida” a conversa com o ator. Mesmo assim, nota-se que a internauta está ciente da natureza do blog, mas joga com esses limites da ficção e da realidade até mesmo, poderíamos dizer, para compreender qual o lugar de fala desse personagem-ator.

Em outros momentos, quando os interlocutores não seguiam o *script* previsto para o desenvolvimento do blog de André, o blogueiro, novamente, era responsável por trazer a conversa de volta ao foco basilar: o personagem.

⁵ Estreia blog de André Newmann, de *Afinal, O Que Querem as Mulheres?*. 20/10/2010. Globo. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novidades/series/noticia/2010/10/estreia-blog-de-andre-newmann-de-afinal-o-que-querem-mulheres.html>>



Nas palavras de Orlandi “[...] nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados” (ORLANDI, 2012: 37). Os sujeitos respondem e enunciam de acordo com o contexto vivido, dessa forma, o espaço do blog precisa ser construído. Primeiro por não constituir uma prática já consolidada e segundo por, apesar de usado em outras ficções, nessa em especial, lidar com uma autoria conhecida pelo espectador. Por isso, a resposta do autor: “Esse blog é meu, quero dizer, André...” ajuda a construir um contexto, sentidos, para o blog.

Dessa forma, esse movimento do blogueiro só seria legítimo em um ambiente em que há conhecimento da fusão dos papéis de ator-personagem-blogueiro. Há uma presença considerável de comentários inscritos nesse limite do real e do ficcional: é como se os telespectadores-internautas interpretassem o blog de André como uma fusão entre personagem e ator em um único ser discursivo. No comentário seguinte (82), ao dizer “a cada palavra que saia sozinha da boca de André, saía um pedaço de Michel!...”, a internauta associa diretamente as características do personagem com as do ator. Não percamos de vista, também, que Michel Melamed além de protagonizar a minissérie foi roteirista da trama, o que – apesar de não ser dito nos comentários – sustenta a noção de que os textos do blog *só poderiam ser* de autoria de Michel Melamed e que André Newmann, indubitavelmente, carregaria atributos de seu criador.

Comentário 82 (Post 51): André ou Michel? Tantas vezes isso se confundia... afinal de contas, como chegar ao André sem passar por Michel... o neologista (antes de tudo!rs...), o apresentador, o louco, o poeta, o ator, o gentleman... o ídolo da tv, [...] A cada palavra que saia sozinha da boca de André, saia um pedaço de Michel!...

Além disso, levando em consideração que “[...] ao longo do dizer, há toda uma margem de não-dito que também significa” (ORLANDI, 2012,p. 82), o comentário supracitado (82) revela *não-ditos* significativos para compreendermos essa forma de inserção dos internautas na narrativa do blog. Ao responder ao que foi enunciado no *post*, a internauta aponta que assinou o acordo ficcional do blog. Por outro lado, ao apresentar características de Michel Melamed, a internauta mostra conhecer o ator por trás das postagens. Ator que, além de protagonista da trama, é roteirista, blogueiro (em endereços nos quais assina com o próprio nome), compositor e que, por essas funções, não pode ser dissociado de seu personagem.

No comentário 33, a seguir, é como se essa indissolubilidade do personagem e do ator fosse vivida finalmente pelo telespectador. Ao dizer, “putz, é notória a diferença entre o Michel e o André”, o internauta nega uma certeza que lhe havia sido dada: a de que os dois personagens dessa narrativa fossem a mesma *pessoa discursiva*.

Comentário 33 (Post 48): [...] te vi no programa do Serginho Groisman e putz, é notória a diferença entre o Michel e o André.

O mesmo ocorre no comentário a seguir (8) em que a internauta claramente identifica a presença do ator no blog do personagem.

Comentário 8 (Post 11): AAAHH como é bom ler novamente os seus textos, caro Michel. Bons tempos aqueles em que vc postava com uma certa frequencia em seu antigo e abandonado blog... Deveria ter um “arquivo” com os textos antigos, seria bem legal. [...] bgs, bgs ;*

Nota-se que não há hesitação em afirmar que quem escreve no blog é o próprio ator Michel Melamed. Colocamos esse ponto com relativa surpresa, visto que, até onde nos coube identificar, a experiência com *Afinal, o que querem as mulheres?* foi a primeira em que o próprio ator – e não um produtor

de conteúdo da emissora – mantinha o blog de seu personagem. Em comentários em que, por exemplo, a internauta se despede dizendo “Abraços, meu eterno Bentinho”⁶ temos aqui, novamente, a certeza dos telespectadores-internautas de que o blog é mantido por Melamed.

Outros comentários não apontam, discursivamente, o conhecimento mais detalhado do trabalho de Michel Melamed, mas sinalizam conhecer a dualidade do blog.

Comentário 1 (Post 14): Oi, André/Michel! Antes de tudo, saudades de te ver. Respondendo a questão: mulheres querem beijos.

No comentário supracitado (1), a internauta estabelece dois tipos de relação com o blog: ela conversa com o ator Michel Melamed (“Antes de tudo, saudades de te ver”); e também dialoga com André Newmann (“Respondendo a questão: mulheres querem beijos”). Para tal, demarca um interlocutor particular: André/Michel. Dessa maneira, a internauta não perde a oportunidade de dialogar com o ator, mas também se coloca discursivamente dentro dessa engrenagem ficcional, ou seja, aceita o pacto de ficção. Outro comentário insere-se também nessa linha discursiva:

Comentário 42 (Post 3): [...] André, por favor, avise a Michel que mando beijosssss. Uma excelente estréia pra vocês. Beijo enorme.

Aqui, André e Michel são amigos e confidentes, se conhecem nesse mundo não-ficcional e real. O contato com André imprime automaticamente um diálogo com Michel. Para a internauta, a estreia na minissérie é dos dois: criador e criatura. Em entrevista a autora, Michel Melamed comenta: “[...] o personagem existe quando você tem esse discernimento, certo? Caso contrário, não há interpretação...”. Para o ator, portanto, essa relação do internauta com os dois mundos do blog sinaliza uma compreensão desse espaço discursivo: conhecer a ficção e seu processo permite aceitá-la.

⁶ Em 2008, Michel Melamed interpretou Bentinho na minissérie *Capitu*, também dirigida por Luiz Fernando Carvalho. A minissérie foi baseada em Dom Casmurro de Machado de Assis.

À vista disso, frisamos que a relação mais usual no blog foi aquela em que os internautas compactuaram com o personagem e fizeram parte do blog. Seria cabível mesmo classificar os telespectadores-internautas como *internautas-modelo*, empregando a definição de leitor-modelo de Eco (1994). Ao diferenciar o leitor empírico, aquele que lê um texto de diversas maneiras sem uma lei que determine como o deve fazê-lo, do leitor-modelo, uma “espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p.15), Eco nos permite aceitar os sinais enviados por André Newmann ao longo dos *posts* – ao responder aos comentários, por exemplo – como uma tentativa de se construir esse *internauta-modelo*.

“Um texto que começa com ‘Era uma vez’ envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-modelo” (ECO, 1994, p. 15), desse modo, a inexistência discursiva de Michel Melamed no blog de André e do relato restrito à vida do personagem de ficção, constrói não apenas uma narrativa, mas o leitor que a lê. Como apontou Tondato, ao pesquisar outro blog de personagem, “ao participar do blog, as usuárias-receptoras dispunham-se a entrar no mundo ficcional como se fosse um jogo. Quando as pessoas concordam em jogar, aceitam as regras, sem questionar se são justas ou não” (TONDATO, 2011, p. 16).

O telespectador-internauta problematiza o blog

Apesar de hoje a prática de blogs de personagens ser bastante comum entre as ficções da TV Globo, em 2010, essa ferramenta ainda estava em período de testes. Além disso, não era comum os blogs disponibilizarem espaço para comentários como ocorreu em *Afinal, o que querem as mulheres?*. Por conseguinte, alguns questionamentos foram feitos acerca dessa nova prática no blog de André Newmann.

Comentário 24 (Post 23): Achei tão genial essa idéia de fazer um blog para o personagem. Faz com que o publico fique ainda mais próximo da serie, como se tudo isso fosse real e acontecesse de fato com uma pessoa que já conhecemos. Sei lá, é o que eu penso...

Quando a produção de uma minissérie disponibiliza um blog de personagem, imagina-se que exista uma

[...] necessidade de envolver o espectador por meio de conexões com as mais variadas mídias, numa tentativa de seduzi-lo à interação com a trama e à chance de alcançar em múltiplas condições, de participante, colaborador e até de coautor das ficções por meio da ampliação das possibilidades de intervenções que a ele são apresentadas (LOPES *et al.*, 2009, p. 395).

No que diz respeito somente ao polo da produção, é legítimo aceitar o blog como mais um produto capaz de gerar, ou manter, audiência. Do ponto de vista do receptor, o blog pode ser um momento de diálogo direto com o personagem, de comunhão com outros espectadores, de troca de experiências e opiniões. No comentário anterior (24), a internauta aceita a criação dessa ação transmidiática como um local de conversa com o personagem, de transposição de barreiras reais e ficcionais. Há, no entanto, discursos negativos em relação à prática.

Comentário 2 (Post 24): Acho tão estranho um personagem ter um blog... E tanta gente comentando que se apaixonou por uma pessoa que nem existe. Viver o mundo virtual dá errado.

Comentário 7 (Post 24): Resposta à colega [...]. Não é que o blog seja estranho. Talvez seja novo. Mas se for parar pra pensar, essa "estratégia" nem é nova. escritores consagrados já usaram essa técnica de criarem um personagem e escreverem livros com as próprias histórias do personagem e publicá-las com o nome do próprio personagem. Fernando Pessoa é um exemplo brilhante disso. Acontece que isso é um blog, e apesar de ser de um personagem, não acredito que aqui não tenha idéias do próprio autor (se eu estiver errada pode corrigir). Então o conteúdo passa ser uma "obra" do próprio autor. E cada vez que lemos o blog, tendo contato com obras dele. E o blog talvez seja também para os espectadores terem uma aproximação com a série, algo que vejo como positivo, pois há a interação entre ator/autor-público, o que é bem chamativo. [...]

No diálogo entre as internautas, de um lado a desconfiança do virtual sobrepor o real, do outro, a aceitação da prática como a possibilidade de contato com esse "não-real". Aqui se colocam questões pertinentes. Apesar da discussão sobre o real e o virtual já ser quase enfadonha no meio acadêmico, observa-se claramente o conflito que essas instâncias instauram no discurso do internauta. Não há consenso sobre aquilo que é real, o que é ficcional e, por sua vez, aquilo que é virtual. O personagem (de ficção) se perde nesse caminho.

Quando a internauta afirma que "[o blog] faz com que o publico fique ainda mais próximo da serie, como se tudo isso fosse real" é como se o real vivido pelo personagem (na ficção) fosse deixado de lado, como se o assistido ou

contado não fizesse parte da realidade. Dessa forma, o blog surgiria como uma ferramenta de concretização dessa virtualidade/ficcionalidade do personagem. Por sua vez, quando outra internauta polemiza ao dizer: “[...] tanta gente comentando que se apaixonou por uma pessoa que nem existe. Viver o mundo virtual dá errado”, essa postura é quase a de negação do caráter real tanto do personagem na minissérie quanto do diário virtual. Cairíamos aqui na comum discussão sobre os atores que interpretam vilões em telenovelas que, ao saírem nas ruas, são xingados pelo público. Essa internauta nega a realidade do personagem mesmo na instância da ficção. É como se o blog não transpusesse nenhuma barreira, mas apenas alargasse essa *não-realidade* para outras mídias.

Essa pausa reflexiva é necessária apenas para responder (responsivamente) ao comentário deixado pelas internautas. Talvez esteja bastante claro que há níveis diferentes de acordos ficcionais: há aqueles que compactuam plenamente e outros que negam a inserção na narrativa. Apoiando-nos em Bakhtin (2010), essa dualidade entre o que é real e o que “não existe” poderia ser compreendida pela teoria dos gêneros discursivos. Os gêneros discursivos, resumidamente, moldam e organizam o nosso discurso. Ao propor que todo falante está inserido em um gênero discursivo mesmo sem conhecimento, Bakhtin possibilita a compreensão dessa relação entre o telespectador e os personagens da ficção: inserir-se em um gênero é mais que falar ou escrever sob suas normas, mas inscrever-se em seu contexto maior.

Assim, tanto o espectador inscreve-se no universo ficcional do blog, aceitando o personagem como produtor de enunciados concretos, quanto aceita o personagem na própria minissérie como *ser discursivo*. Logo, a dúvida – ou mesmo desconfiança – apresentada pelas internautas implicaria em um distanciamento desse gênero que rege, de maneira macro, as minisséries televisivas e, particularmente, o universo de *Afinal, o que querem as mulheres?*.

Mesmo assim, ao enunciar que “achei tão genial essa idéia de fazer um blog para o personagem. Faz com que o publico fique ainda mais próximo da serie” e ainda “o blog talvez seja também para os espectadores terem uma

aproximação com a série, algo que vejo como positivo, pois há a interação entre ator/autor-público, o que é bem chamativo” há claramente uma noção do que esse espaço virtual pretende. Mesmo que não haja, o silêncio dos internautas diz muito sobre a aceitação do blog de personagem como uma ferramenta legítima de comunicação. Não há, explicitamente, comentários favoráveis ao blog (como aparecem os contrários), entendemos, porém, que essa adesão discursiva não se faz necessária. No momento em que o internauta dialoga no blog com o personagem e a partir daí constrói enunciados concretos (reais), ele sinaliza estar de acordo com essa nova estratégia da produção.

Algumas considerações

Só é possível acreditar em um personagem, aceitá-lo como real, como parte da existência humana, ao acolher um pacto de ficção. Mas para que esse acordo seja instaurado, o personagem deve existir solidamente, ou seja, ser construído com coerência. Apesar de André Newmann já ser conhecido pela audiência em suas atribuições mais visíveis como fisionomia, tom de voz, gestualidade; e em outras mais subjetivas como a maneira de lidar com conflitos ou sustentar relacionamentos, o personagem precisa estar solidamente arquitetado também em seu diário virtual, em seu papel de blogueiro, para que a conversa entre personagem-audiência possa acontecer e persistir.

Observa-se, no blog de André Newmann, o cuidado na construção de um *ethos discursivo* em que o personagem fala de si e reitera características já conhecidas pela audiência da ficção televisiva. No primeiro capítulo de *Afinal, o que querem as mulheres?*, André conta um pouco de sua vida em seu escritório em casa, digitando freneticamente em uma máquina de escrever; igualmente, o primeiro enunciado do blog é construído a partir do *ethos* do personagem.

Para os internautas que visitam o site, conhecer o enunciador desse espaço discursivo facilita os processos de interpretação e produção de sentidos. Esse é o efeito pretendido pelo ator-personagem: fazer com que os internautas “comprem” esse blogueiro como legítimo e real e não apenas como uma ação transmidiática ou de *marketing* planejados pela emissora.

É esse aspecto que mais chama a atenção no blog de André Newmann. Há ali uma relação dialógica concreta, nos termos bakhtinianos, entre personagem e telespectadores-internautas. A correia discursiva da minissérie chega ao virtual e consegue construir uma relação que vai além da dicotômica noção de real e ficcional. A facilidade vista aqui se deve essencialmente ao blog de personagem e à construção de um personagem-virtual-real.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRAIT, Beth.; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In. BRAIT, Beth. (org). **Bakhtin: Conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. São Paulo: Globo, 2005.
- LOPES, M.I.V.; BREDARIOLI, C.; ALVES, C.G.; FREIRE, D.O. Transmediação, plataformas múltiplas, colaboratividade e criatividade na ficção televisiva brasileira. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.). **Ficção Televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.
- PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- TONDATO, Marcia Perencin . A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 12, n. 23, jul/dez 2011.